

MENELEU CAMPOS – OS QUARTETOS DE CORDAS

MENELEU CAMPOS – THE STRING QUARTETS

Odair Aparecido de Paula
Associação Mogiana de Paleografia
odairpaula@hotmail.com

Claudio Cruz
Orquestra Sinfônica Jovem do Estado de São Paulo
conductorclaudiocruz@gmail.com

Resumo

O presente artigo aborda os quartetos de cordas de Octavio Meneleu Campos (1872-1927), obras do repertório camerístico brasileiro: *Quarteto n.º 1 em Sol maior* (1899), *Quarteto n.º 2 em Lá maior* (1899), *Quarteto n.º 3 em Ré maior* (1901) e *Quarteto n.º 4 em Mi maior* (1902). Na metodologia temos as diversas fontes primárias fornecidas pelo Museu da Universidade Federal do Pará, realizamos uma edição crítica que está em estágio de editoração, bem como uma busca nos periódicos de época sobre a trajetória do compositor e seu repertório, especialmente os quartetos de cordas. Evidenciamos a maestria do compositor na confecção dos quartetos e a importância de sua inclusão no repertório camerístico brasileiro. Discutimos ainda os problemas na recepção de sua obra.

Palavras-Chave: Meneleu Campos; edição musical; Quarteto de cordas; Música de câmara brasileira.

Abstract

This article deals with the string quartets of Octavio Meneleu Campos (1872-1927), works from the Brazilian chamber repertoire: *Quartet n° 1 in G major* (1899), *Quartet n° 2 in A major* (1899), *Quartet n° 3 in D major* (1901) and *Quartet No. 4 in E major* (1902). In the methodology we have the various primary sources provided by the Museum of the Federal University of Pará, we carry out a critical edition that is in the editing stage, as well as a search in periodicals about the composer's trajectory and his repertoire, especially the string quartets. We highlight the composer's mastery in making quartets and the importance of their inclusion in the Brazilian chamber repertoire. We also discuss problems in receiving your work.

Keywords: Meneleu Campos; Music edition; String quartet; Brazilian chamber music.

Agradecimentos

Agradecemos a Vicente Salles, pela referência aos quartetos de Meneleu Campos, na década de 1990, determinante para que solicitássemos ao Museu da Universidade Federal do Pará (UFPA) os manuscritos dos quartetos e iniciássemos uma edição crítica.

Agradecemos também a Rubens Russomanno Ricciardi, por suas sugestões e comentários, tendo nos ajudado ainda na elaboração crítico-conceitual deste artigo.

Introdução

Apresentamos aqui um estudo sobre os quartetos de cordas de Meneleu Campos, momento em que foram compostos, influências relevantes que determinaram sua poética, fontes históricas que nos aproximam de uma biografia do compositor a partir de notícias de jornais, revistas e publicações específicas mais recentes. Mencionaremos também a metodologia aplicada na realização de uma edição crítica e a gravação integral desses quartetos pelo Quarteto Carlos Gomes, junto ao Selo Sesc, lançada em setembro de 2021.

Meneleu Campos – dados biográficos



Revista Fon Fon (Rio de Janeiro), Ano 3, n° 30, 27/07/1919, p. 3.

Octavio Meneleu Campos (Belém, 22 de julho 1872 - Niterói, 20 de março de 1927), além de compositor, foi também pianista, violinista, maestro, professor e dirigente de instituições de ensino de música, tendo sido um empreendedor em diversos projetos. Filho de João Marinho Campos e Adelaide da Costa Campos, teve como irmãos João Coelífilius de Campos, Deoclecio Marinho de Campos, Izabel de Campos Galhiero, Adelaide Rivia de Campos Neves, Ercília Guiomar de Campos e Cecília de Campos Parente¹

¹ Jornal do Commercio (Belém), 23/10/1911, p. 3.

Seu pai, João Marinho Campos, natural de Sergipe, fundou, em Belém, a Casa Capesina², tendo sido ainda diretor do Banco de Belém do Pará³ e da Fábrica de Cerveja Paraense⁴. Também atuou como mecenas, apoiando concertos beneficentes⁵ em Belém e chegando a ser membro da Comissão de Artes da Associação Paraense Propagadora das Belas Artes⁶. Em 1911, contando com 65 anos de idade, ainda ativo nos negócios e na política e ocupando o cargo de coronel da Guarda Nacional, suicidou-se após receber a notícia da falência da Firma Enrico Tucci, Junior & Companhia, onde havia feito grandes investimentos.⁷

Passando a infância num ambiente artístico, Meneleu Campos foi aluno de sua mãe, a pianista Adelaide da Costa Campos, e do violinista baiano radicado em Belém, Adelelmo do Nascimento, seu grande incentivador nos primórdios de sua carreira. Sua mãe foi atriz e cantora em Belém. Em 1859, atuou na peça *Probidade*, no Teatro Providência⁸. Como coralista, a 7 de setembro de 1859, no mesmo teatro, cantou o *Hymno da Independência*⁹. Atuou como cantora até o início da década de 1860, apresentando-se ao lado do cantor Arcenio.¹⁰ Como também tocava piano, ela foi responsável pelos primeiros passos de Meneleu Campos na música. Faleceu em 1919, em Belém.¹¹ Meneleu Campos dedicou sua obra *15 de novembro de 1889* ao seu professor Adelelmo do Nascimento¹², o qual atuou como “professor de orquestra” (músico) no Theatro da Paz, em 1891¹³.

2 Diário de Belém, 04/04/1880, p. 3.

3 A República (Belém), 18/02/1890, p. 2.

4 Estado do Pará (Belém), 09/09/1911, p. 3.

5 Diário do Belém, 24/05/1887, p. 3.

6 Folha do Norte (Belém), 27/03/1896, p. 3.

7 Jornal do Comércio (Belém), 23/10/1911, p. 3.

8 A Ephoca (Belém), 03/12/1859, p. 3.

9 Gazeta Official (Belém), 06/09/1859, p. 4.

10 Gazeta Official (Belém), 31/05/1860, p. 3.

11 Jornal do Comércio (Belém), 06/08/1919, p. 2.

12 Diário de Noticias (Belém), 20/09/1891, p. 2.

13 O Liberal do Pará (Belém), 08/09/1880, p. 1.

Meneleu começou a compor precocemente, aos 16 anos de idade. Chegou a cursar Direito por algum tempo no Recife. Contudo, optou por se dedicar exclusivamente à música. Em meados de 1891, após estudos preparatórios sob orientação de Andrea Guarneri, passou a estudar no Conservatório de Milão com um dos mais importantes professores de composição da época, Vincenzo Ferroni, ex-aluno de Jules Massenet. Em Milão, por quase uma década, Meneleu Campos progrediu em seus estudos, principalmente de composição, além de piano, violino, teoria musical e regência. Em Belém do Pará, desde 1900, passou a atuar em escolas de música como professor e diretor, tais como o Instituto Carlos Gomes e outras instituições privadas que fundou. Também regendo por diversas vezes no Theatro da Paz, intercalou sua vida profissional em Belém com estadas em Milão (1903), Rio de Janeiro (1909), Paris (1913) e Lisboa (1914-1915), entre outras viagens de menor duração.

As composições de Meneleu Campos, além do destaque na imprensa local, também eram editadas e vendidas, como *Noite em Claro*, composta em 1890, publicada e comercializada pela casa Costa e Silva. Bem relacionado nos meios políticos e artísticos, Meneleu Campos se aproximava de figuras importantes de seu tempo, como o Dr. Paulino de Brito, a quem dedicou a obra e cujo livro homônimo lhe serviu de inspiração.¹⁴

Segundo Vicente Salles, Meneleu Campos obteve sucesso com sua valsa *Cecy*, em 1891, que motivou o seu professor, Adelelmo do Nascimento a pleitear, junto ao governo republicano, uma bolsa de estudos para que ele fosse estudar na Europa (*apud* COSTA, p. 37). Contudo, seu pai, homem bem sucedido financeiramente, além de incentivá-lo a seguir na carreira musical, que o fez abandonar o curso de direito, em Recife, resolveu custear a sua ida para a Itália, onde se

14 O Democrata (Belém), 25/07/1890, p. 1.

matriculou no Conservatório de Milão (fundado em 1807, dos maiores e mais importantes na Europa).

Meneleu Campos embarcou para a Itália a 1º de maio de 1891. Durante o curso, manteve correspondência com Adelelmo do Nascimento, seu ex-professor, o qual acompanhava, agora de Manaus, seu desempenho artístico-acadêmico no Conservatório de Milão. Prova disso foi a carta que Adelelmo do Nascimento remeteu ao pai de Meneleu, João Marinho de Campos, documento este levantado por Vicente Salles:

As notícias que tenho tido dos progressos rápidos e profundos que tem feito Meneleu no Conservatório, a estima, e o conceito que ele goza entre os seus professores e condiscipulos e a sociedades de verdadeiros artistas e amadores que frequenta, assim como a estima particular de Carlos Gomes, tudo isso me tem feito transbordar o coração de alegria e orgulho, cada vez mais estou convencido que tive razão quando lhe sugeri a ideia de mandá-lo para a Europa, assegurando-lhe que Meneleu era dotado de um talento superior e de bastante força de vontade para vencer todas as dificuldades desta arte imensa e espinhosa, e tornar-se um músico distintíssimo, uma verdade glória para a família, sua terra natal e sua pátria (*apud* COSTA, 2011, p. 39).

Durante seus estudos em Milão, de 1891 a 1899, a produção musical de Meneleu Campos não raramente ganhava destaque na mídia belenense:

Meneleu Campos

Este nosso talentoso conterraneo, que estuda musica actualmente com grande brilhantismo em Milão, e cuja actividade é attestada pelas bellas composições que envia com frequencia á sua terra natal, acaba de nos contemplar mais uma vez na distribuição dos seus valiosos mimos.

Intitula-se—*Melancolia*— a nova composição, que é um *andante* para piano e violino.

Meneleu Campos possui uma inspiração cheia de viço e frescura, e em cada composição nova que publica, revela os grandes progressos que faz, pois mostra-se cada vez mais conhecedor dos segredos da sua hoje, mais que nunca, difficilima arte.

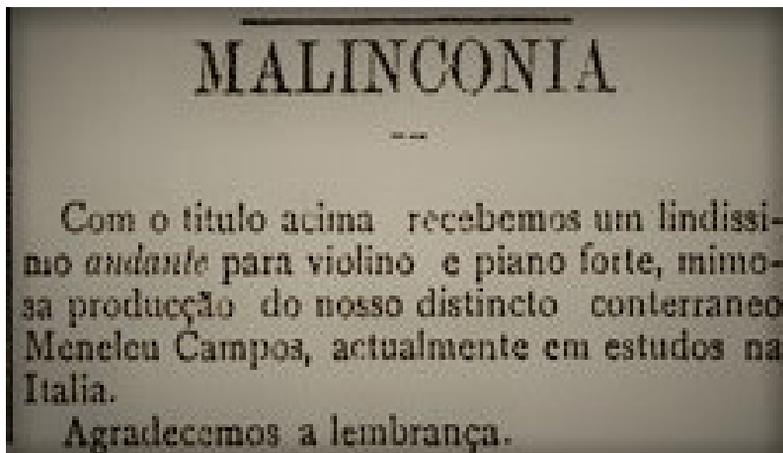
Uma observação que não pôde deixar de fazer quem conhece as composições de Meneleu, é que ellas não teem nada de trivial, e manifestam progressivamente uma originalidade mais e mais accentuada e pujante.

Tão feliz complexo de qualidades levarão certamente o joven compositor paraense muito longe, no caminho glorioso que encetou.

Recommendo aos nossos *dilettanti* a nova joia musical, felicitamos ao joven autor e a seu extremo pae sr. Marinho de Campos.

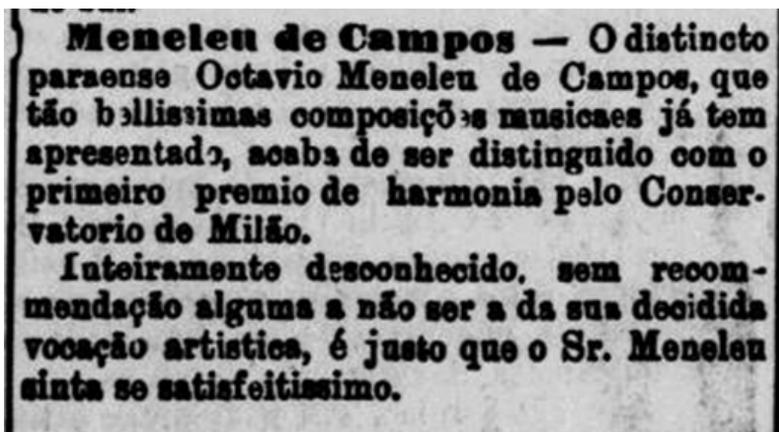
Diário de Noticias (Belém), 20/03/1892, p. 2.

Também na próxima ilustração abaixo é noticiada a composição *Melancolia* para piano e violino, com destaque aos avanços na qualidade de suas composições que enviava com frequência “à sua terra natal”. É possível que um dos membros de sua abastada família, residente em Belém, distribuisse suas obras entre os jornais da cidade, dada à frequência das publicações.



A República (Belém), 19/03/1892, p. 2.

Até mesmo as notas escolares de Meneleu ganhavam destaque na imprensa brasileira, em razão das avaliações obtidas ao final do 2º ano da disciplina Harmonia. A obtenção da elevada nota em Harmonia, 9,75, no Conservatório de Milão, portanto, era considerada um grande feito à época.



Jornal do Recife, 03/08/1892, p. 3.

Seu prestígio no Brasil, mesmo estando longe, pode ser atestado na execução de composições que foram produzidas em Milão e enviadas ao Brasil, como a *Marcha Triumphal*, orquestrada e executada pelo maestro e compositor José Cândido da Gama Malcher (Belém, 1853-1921), com o consentimento de Meneleu, em benefício da fundação do *Orphelinato Paraense*¹⁵, ocorrida a 15 de agosto de 1893¹⁶ — um orfanato municipal de Belém, o qual abrigou e educou centenas de meninas desvalidas até 1911.

Sempre atento às notícias do Brasil, Meneleu Campos compôs uma *Marcha Fúnebre*, por ocasião da morte de Antônio Carlos Gomes. No Brasil, a obra foi executada pelo maestro Ettore Bosio¹⁷, também pianista e compositor, amigo de Meneleu desde os tempos deste como estudante em Milão.

15 A República (Belém), 18/06/1893, p. 1.

16 A República (Belém), 29/07/1893, p. 2.

17 Folha do Norte (Belém), 29/10/1896, p. 3.



Folha do Norte (Belém), 01/11/1896, p. 4.

Segundo Márcio Pascoa, Meneleu e Bosio combinavam ainda posteriormente atuações conjuntas nos projetos de Belém:

Nessa altura, o Instituto Carlos Gomes oferecia à cidade uma orquestra de concertos completa. Notar o grande número de músicos italianos ativos em Belém, remanescentes de antigas orquestras de companhias líricas. Meneleu Campos ausentou-se em 1903 para uma série de compromissos na Itália, assumindo a direção da orquestra o maestro Ettore Bosio que apresentou, no Teatro da Paz, uma série de concertos vocal-sinfônicos (*apud* PARACAMPO, 2018, p. 137).

O curso de graduação de Meneleu durou ao todo oito anos, sendo concluído em 1899. Como era de se esperar, os jornais paraenses não pouparam elogios ao feito de seu compatriota, hoje considerado um desafio aos brasileiros, especialmente aos menos favorecidos. Ao concluir o curso em Milão, Meneleu foi elogiado pelos examinadores por

conta de suas provas finais no Conservatório e, antes de retornar ao Brasil, compôs ainda o *Quarteto em Lá maior* apresentado nos salões da *Famiglia Artistica* (uma associação milanesa de artes e artistas, fundada em 1873), a 25 de novembro de 1899, com destaque na imprensa italiana (COSTA, 2011, p. 42).

Segundo Vicente Salles,

pelo fato de suas obras possuírem frases claras, boa instrumentação e demonstrarem a capacidade do músico como compositor, os jornais italianos da época, *Corriere della Sera*, *Il Tempo* e *La Lombardia* descreviam-nas como sendo elegantes, simples e geniais. No jornal *La Perseveranza* lia-se: “no trabalho de Campos se ouve a clareza e dignidade melódicas aliadas à pureza da forma” (apud COSTA, 2011, p. 42).

Na imprensa carioca lemos Menezes Campos definido como sucessor de Antônio Carlos Gomes. Com sabedoria, o jornalista define o compositor paraense em seu “posto eminente entre os nossos grandes artistas”, e não apenas pela mera erudição — afinal, erudição é aquilo que se aprende na escola e depois se aplica, e sabemos que na arte há o desvelamento de uma linguagem por meio do mundo da obra que transcende e muito a tal erudição. A notícia dá conta da correspondência do cônsul brasileiro em Milão, Joaquim da Silva Lessa Paranhos, com o governador do Pará, José Paes de Carvalho:

Meneleu Campos — No horizonte da arte brasileira surge um astro novo a irradiar esperanças de glórias para a sua pátria.

Acaba de terminar seu curso no Conservatório de Milão o joven paraense Meneleu Campos, e os triumphos por elle colhidos durante o curso denuncião, mais de que um musico erudito, um compositor para quem o futuro reserva um posto eminente entre os nossos grandes artistas.

Damos em seguida o officio em que o Consul brasileiro em Milão communica o facto ao Governador do Estado do Pará, e a resposta deste:

« Consulado dos Estados Unidos do Brazil. Milão, 11 de Julho de 1899 — Sr. Governador — Hoje tive a honra de passar á V. Ex. o seguinte telegramma :

« Paes Carvalho — Governador — Pará. Meneleu Campos diplomado. — *Paranhos*, Consul. »

O que V. Ex. terá interpretado :

« O Sr. Octavio Meneleu Campos, Paraense, estudante de composição musical neste Conservatorio de Musica, superou brilhantemente todos os exames do ultimo curso e recebeu o diploma que lhe confere o titulo de maestro-compositor. »

Permitta-me, Sr. Governador, que por este grato acontecimento apresente a V. Ex. e ao nobre povo paraense, que tão largueada e generosamente agasalhou o meu pranteado amigo o maestro Carlos Gomes, as minhas sinceras felicitações, augurando que o maestro paraense Meneleu Campos seja o successor e emulo do grande maestro paulista, dando honra e gloria á sua terra natal e ao nosso Brazil.

Acolha V. Ex. os protestos de minha elevada e respeitosa consideração.

Saude e fraternidade. — O Consul *Joaquim da Silva Lessa Paranhos*. — Ao Exm. Sr. Dr. Paes de Carvalho, Governador do Estado do Pará. »

« Palacio do Governo do Estado do Pará, Belém, 8 de Agosto de 1899 — 1ª Directoria — Sr. Consul — Tenho o prazer de accusar o recebimento de vosso officio de 11 do mez findo, em que confirmais o vosso telegramma da mesma data, comunicando-me haver o estudante paraense Octavio Meneleu Campos recebido, no Conservatorio de Musica dessa cidade, o diploma de maestro-compositor.

Agradecendo-vos as felicitações que me dirigis pelo exito brilhante dos estudos desse distincto moço paraense, apresento-vos as expressões de minha estima e consideração.

Saude e fraternidade. — *Dr. José Paes de Carvalho*. — Ao Sr. Joaquim da Silva Lessa Paranhos, Consul do Brazil em Milão. »

Registrando um facto tão auspicioso ao futuro da arte musical brasileira, a *Provincia do Pará* de 17 de Julho findo escreve o seguinte artigo que pedimos permissão para inserir nas nossas columnas :

« Agora, que, por despacho telegraphico, já temos conhecimento de ter sido diplomado pelo Conservatorio de Milão o esperançoso maestro paraense Meneleu Campos, parece-nos de toda opportunidade a publicação de alguns trechos de uma carta, vinda hontem pelo *Hilary*, e escripta daquella cidade, por pessoa que muito se interessa pelas cousas do Pará.

Delles se verifica que o resultado obtido pelo nosso conterraneo não foi um facto trivial, e sim, pelas circumstancias que o acompanháão, uma verdadeira e esplendida victoria.

Na occasião de ser escripta a carta donde extrahimos os periodos seguintes, havia já Meneleu feito todos os exames, menos o de orgão, com o qual completava o curso, e fazia jús ao diploma de maestro :

• Em Outubro do anno proximo passado, a petição de Meneleu Campos para os exames em Maio do corrente anno foi deferida, designando o antigo programma do Conservatorio ; porém, dois mezes após, chegou do Ministerio da Instrução Publica um outro novo programma, simplesmente sorprendente, em razão das rigorosas exigencias do mesmo, como mencionei.

Fuga a 4 ou a 5 vozes com palavras em latim, com tempo marcado de 18 horas para a promptificação do trabalho.

Jornal do Commercio (Rio de Janeiro), 1º/9/1899, p. 4.

Vincenzo Cernicchiaro, em seu livro de 1926, já se referia a Meneleu Campos por conta de sua brilhante formação acadêmica em Milão:

Em 1898 [sic, o correto é 1899], completou os estudos musicais sob a orientação de Ferroni, professor de harmonia e contraponto no Conservatório Real daquela cidade. Nos exames finais, nos quais se saiu brilhantemente, por mérito nas disciplinas de composição, recebeu elogios especiais por parte dos examinadores, enquanto testemunho de particular consideração (CERNICCHIARO, 1926, p. 335).

Meneleu chegou ao Brasil a 10 de janeiro de 1900 (*apud* COSTA, 2011, p. 42). Sua vinda foi repleta de regozijo e saudações na imprensa da capital paraense, como se lê abaixo:

MENELEU CAMPOS

No «Obidense» acabou de chegar o nosso laureado patricio, maestro Meneleu Campos, que no *Scala*, de Milão, soube honrar o nome paraense, se revelando um substituto digno do nosso inolvidavel Carlos Gomes, a maior gloria musical do Brazil, que pelo grande coração foi paraense, onde exhalou o ultimo suspiro.

Saudamos ao novel maestro, felicitando q sr. Marinho Campos e sua digna esposa por tamanha gloria.

A República (Belém), 12/01/1900, p. 2

Meneleu Campos

Regressou hontem á terra querida que lhe foi berço e ao lar idolatrado da familia estremeza, o joven maestro paraense Meneleu Campos.

Ao seu desembarque concorreu grande numero de amigos e admiradores, além da sua illustre familia. Seu velho pae lá estava, alma cheia d'essa santa alegria, que é um orgulho e que é uma veneração, ao estreitar nos braços o filho, que soube honrar-lhe o nome, honrando tambem a Patria, á qual regressa glorificado, possuidor de um titulo que o enobrece, conquistado pelo esforço e pelo talento.

Dando ao joven maestro as mais sinceras boas vindas, são os nossos votos, intensamente patrioticos, que a terra que lhe foi berço, saiba acolhel-o como merece.

A Meneleu Campos as nossas saudações.

○ Pará (Belém), 12/01/1900, p. 2.

A imprensa paraense considerava Meneleu Campos o substituto de Antônio Carlos Gomes. Tamanho era o seu prestígio, rendendo-lhe o convite, no mesmo dia de sua chegada a Belém, para a direção do Instituto Carlos Gomes, cargo assumido a 26 de janeiro 1900¹⁸.

18 Jornal O Pará (Belém), 28/02/1900, p. 1.

No dia seguinte à sua chegada em Belém, Meneleu se associou ao Centro Artístico, instituição na qual manifestou desejo de ser membro ainda na Itália, tendo sido aceito pela unanimidade dos votos entre os associados.¹⁹



○ Pará (Belém), 28/02/1900, p. 1.

Ainda em 1900, Meneleu Campos retornou à Itália, retirando o seu passaporte em outubro deste mesmo ano²⁰. O motivo teria sido o seu primeiro casamento com a cantora Roseta Bossi, falecida em 1902, em decorrência de complicações na gravidez (COSTA, 2011, p. 42).

De volta ao Brasil, em 1903, Meneleu Campos solicitou licença do Instituto Carlos Gomes para retornar à Europa, onde se apresentou em concertos e publicou dois livros didáticos: *Novo methodo de solfejo* (1903) e *Elementos de música* (1904), ambos em Milão, pela editora de Romualdo Fantuzzi.

19 Jornal O Pará (Belém), 20/01/1900, p. 2.

20 A República (Belém), 30/10/1900, p. 2.

Registro de Arte

METHODO DE SOLFEJO

O maestro Menelau Campos achou em Milão, onde acaba de editar o seu ultimo trabalho — *O Novo Methodo de Solfejo*, com o qual teve em vista proporcionar aos alumnos de musica um processo mais simples e mais racional de aprendel-a em pouco tempo, resultado de pesquisas e de experiencias do inspirado compositor.

O trabalho é precedido de uma missiva de Ettore Pozzoli, o celebre professor de theoria e solfejo do «Real Conservatorio G. Verdi», de Milão, em a qual elle declara ao nosso compatriota, entre outras cousas igualmente elogiosas:

«Achei-o perfeitamente correspondente ao escopo prefixo. Observei com que criterio v. s. dispoz as difficuldades rythmicas e melodicãs e como todas são coordenadas de maneira tão progressiva que podem facilmente ser comprehendidas, mesmo pelos discipulos os mais jovens.

Elogio-o, especialmente, pela maneira facil e racional que v. s. expõe no principio do seu Methodo, e que serve para aprender com certeza e entoação todos os intervallos melodicos e chromaticos.»

O trabalho de Menelau Campos, diz o *Jornal do Commercio*, é mais um documento de sua competencia technica e da sua imaginativa creadora. As melodias que constituem as lições graduasas, dos ns. 1 a 150, são inteiramente delicadas e inteiramente novas; a gradação do mais simples para o mais difficil e de uma naturalidade perfeita; os mil problemas da escripta, da notação musical, do agrupamento e variação dos valores, tudo isso que faz a sciencia tão facil e difficil da musica escripta, está disposta e situada cada cousa a seu tempo e em seu lugar, no *Novo Methodo de Menelau Campos*, numa clareza e propriedade que justificam a plenitude, a apreciação do professor Pozzoli.

Pozzoli.
Esta nova face, a didáctica, por que se apresentou agora com tamanho êxito o musicista parense, vem revelar mais um prisma dos talentos e da capacidade mental de Meneleu Campos.
Sendo o *Novo Methodo* escripto com o fim exacto de que qualquer aprendiz possa entoar com clareza e facilidade, o autor dá todas as indicações para quando o alumno tiver voz de baixo, de contralto, de soprano, etc. Em uma palavra, é um trabalho que patenteia o amor ao trabalho e a arte musical, por parte do autor e o recommenda aos seus compatriotas.
Quanto ao trabalho graphico, podemos acrescentar que elle sabiu das officinas dos editores R. Fantuzzi, de Milão e está impresso em bom papel, com o esmero e a nitidez necessarios a obras dessa natureza.
Meneleu Campos é um dos mais operosos e dos mais pujantes talentos musicos da nova geração; suas composições, opulentas no pensamento e na factura, têm sido executadas em concertos publicos no Pará e em Milão, sempre com applausos calorosos, e lhe valeram o logar de director do Conservatorio official de Belém, do Pará, depois da morte de Carlos Gomes.

Correio Paulistano (São Paulo) 22/02/1904, p. 2

Em 1904, retomou suas atividades no Instituto Carlos Gomes, permanecendo no cargo até 1906. Neste mesmo ano, Meneleu se casou pela segunda vez, “com a violinista e pianista Marieta Guedes da Costa” (*op. cit.*, p. 44), com quem teve sua primeira e única filha, Sulamitha da Costa Campos.

Varias

Consta-nos que virá breve ao Brasil o maestro paranaense Meneleu Campos, 1.º premio do Conservatorio de Milão, que actualmente está dando concertos symphonicos naquelle capital e recebendo ovações merecidas ao seu brilhante talento artistico.

Meneleu Campos foi quem substituiu Carlos Gomes na direcção do Conservatorio do Pará.

Correio Paulistano (São Paulo), 15/01/1904, p. 2

Segundo Cernicchiaro, “em 1904, Meneleu Campos pretendia apresentar, em Milão, uma ópera melodramática *Gli eroi*, sobre libreto de Illica, mas parece que não conseguiu fazer com que desse certo” (CERNICCHIARO, 1926, p. 336). Lembramos que Luigi Illica (Castell’Arquato, 1857–1919) foi libretista e autor italiano de comédias, dos mais famosos em seu tempo – autor, entre outras, de libretos de óperas célebres, tais como *Manon Lescaut* (em parceria com outros libretistas), *La Boème*, *Tosca* e *Madama Butterfly*, do compositor Giacomo Puccini.

Por sua vez, segundo Janu Parente, Meneleu Campos regressou à Itália em 1907, onde concluiu a ópera *Gli eroi* e tentou incluí-la, sem sucesso, na temporada de óperas em Milão. Tão pouco obteve êxito na programação de sua ópera em Paris. Retornou ao Brasil no ano seguinte (apud COSTA, 2011, p. 44).

Já Márcio Páscoa e Rossini da Silva informam que, por volta de 1902, em contato direto com Luigi Illica, “Meneleu recebe das mãos deste autor referencial do Naturalismo o libreto de *Gli eroi*” (PÁSCOA; SILVA, 2008, p. 2).

Contudo, ainda há muito para se esclarecer sobre o processo inventivo desta ópera. Os próximos passos de pesquisa deveriam ser a localização precisa de uma possível partitura (grade) da ópera (e não apenas versões para piano), esclarecer melhor as relações de Meneleu com Illica, como se deu de fato o contato ou a possível amizade entre eles, se Meneleu adaptou libreto já existente ou se *Gli eroi* foi um libreto original de Illica escrito especialmente para Meneleu. Outra questão é, por que o título não consta do catálogo de libretos de Illica? Há notícias brasileiras sobre o projeto, mas quase nada em fontes italianas ou atreladas aos estudos sobre Illica.

Logo abaixo, reproduzimos a notícia da “Opera brasileira”, chamada “Heróes”, onde se relata o encontro “em almoço íntimo” em Paris, a 13 de dezembro de 1906, de Meneleu com Illica, estando presente também ninguém menos que o próprio Puccini, incluindo as esposas dos três artistas. O compositor mostrou os atos prontos da ópera ao libretista, cuja recepção teria sido de “enthusiastica satisfação”. Já segundo Puccini, a ópera *Gli eroi* “lhe pareceu destinada a um real sucesso”. A fonte destas raras informações foi o literato paraense João Marques de Carvalho (Belém, 1899, Nice, 1910):

Opera brasileira

A *Provincia do Pará* que se publica em Belém assim se refere ao compositor brasileiro Meneleu de Campos, autor da opera *Herões* que se vae montar em Milão :

«Achava-se em plena actividade em Paris o nosso collaborador artistico maestro Meneleu Campos.

A 9 de dezembro ultimo chegara áquella capital o illustre poeta libretista Luigi Illica, afim de conferenciar com Meneleu Campos sobre a sua opera em andamento e ouvir-lhe os actos já terminados.

Nosso companheiro Marques de Carvalho teve ensejo de conversar com Luigi Illica sobre aquelle trabalho do compositor paraense e com especial agrado verificou a entusiastica satisfação do libretista.

Ou eu não entendo mais de libretes, nem de musica, nem de publico, ou *Gli Eroi (Os Herões)*, titulo da opera, vae ter um grandissimo exito em Milão, no anno proximo, quando for representada.»

Esta opinião corresponde a um augurio de valor, pois Luigi Illica é o libretista feliz de Puccini, Mascagni, Franchetti e outros jovens já celebres maestros italianos.»

No dia 13 de dezembro encontraram-se em almoço intimo, em um dos mais bellos salões do Restaurante Italiano, o celebre autor da *Bohème* e *Manon*, Giacomo Puccini, que está em Pariz assistindo os ensaios da sua opera *Madame Butterfly*, na Opera-Comica; o libretista Luigi Illica; o maestro Meneleu Campos; as esposas destes tres artistas e o nosso confrade Marques de Carvalho. Foi uma refeição encantadora para o director d'*A Provincia do Pará*, pois tanto a Puccini como a Illica teve ensejo de ouvir mui lisongeiros referencias ao Brasil. Puccini e a esposa estiveram, ha pouco, algumas horas na bahia do Rio de Janeiro, em transito de Buenos Aires para a Europa e ficaram fascinados pelas incontaveis belezas naturaes que formam o quadro da nossa vasta capital Federal. Refeição absolutamente intima, em que não se fallou senão da arte, sem preoccupações de estylo, esse almoço foi rematado por uma saudação conjunta ao exito de *Madame Butterfly* em Pariz, gentileza a que Puccini correspondeu com um brinde cordialissimo ao seu joven confrade Meneleu Campos, cuja opera lhe parece «destinada a um real successo»

Jornal A Federação (Porto Alegre), 15/02/1907. p. 1.

Mencien Campos e Luigi Illica

—O illustre poeta italiano, Luigi Illica, autor de tantos libretos famosos, acaba de passar, com sua encantadora esposa, alguns dias em Paris, a convite de nosso distincto compatriota, o maestro Mencien Campos.

Como ha tempos livo occasião de noticiar aos leitores da *Gazeta*, o poeta e o compositor trabalham numa nova opera *Gli Eroi*, que dentro de um anno será representada no theatro Scala, de Milão. *Gli Eroi* compõe-se de 4 actos de musica magnifica, se se quizer dar credito aos raros privilegios que outrim alguns trechos da partitura.

Nosso compatriota e seu illustre collaborador acabam de partir para a Italia, onde o maestro Campos será, em Castellaquarto, hospede do poeta, que alli possui uma magnifica propriedade. E' nessa vivenda que os dois artistas contam dar á sua obra os ultimos retoques, antes de apresental-a ao publico.

Na vespera da partida, o maestro Campos reuniu, em torno da mesa de um

grande restaurante em milão, alguns amigos italianos.

Nesse momento encontravam-se o maestro Puccini, admirável e admirado autor da *Bohème*, actualmente da passagem em Paris, onde acompanha, na ópera comica, os ultimos cantos de *Signora Butterfly*, sua ultima opera; M^o. Puccini, o Sr. Luigi Illica e sua senhora, nosso collega Marquez da Carvalho, redactor-chefe da *Provincia da Pará*; Menelau Campos e senhora, etc.

Ao *Adampagna*, como era de esperar, beheu-se nos futuros triumphos de *Signora Butterfly Gli Eroi*.

Gazeta de Notícias (Rio de Janeiro), 21/1/1907, p. 2.

FON-FON!

Os nossos Maestros



O Maestro Menelau Campos, brasileiro (nascido no Estado do Pará) diplomado pelo Real Conservatorio de Milão.

Tem concluido a opera *Gli Eroi*, em 4 actos, libretto de Luigi Illica, e dirigiu o Conservatorio Carlos Gomes (hoje extinto) de 1900 a 1906.

Realizará, por todo o corrente mez, um concerto em cujo programma, além de outros trechos de sua lavra, figurarão dous quartetos igualmente seus, já executados em Milão e em Paris com brilhante exito.

E' natural, portanto, que as recepções prometidas se tornem em realidade e que o venerando Palacio do Cattete abandone a sobriedade conselheiral do seu aspecto e appareça de vez em quando, festivo e alegre.

Bons prenuncios, decerto, já elle apresenta. Antigamente, vivia o pobre envólto em trevas e silencio. Agora á noite, já os quadros largos das suas janellas altas despejam, para a rua, golfadas de luz clara dos seus candelabros poderosos. Sente-se que ha vida lá dentro; que ha alguém que se preocupe em alegrá-o, illuminando e fazendo ver ao Povo que aquillo não é um posto apenas de isolamento e escuridão; que ali tambem se pode viver a vida elegante e clara, tão necessarias ás altas representações republicanas.

E se S. Ex. o Sr. Presidente da Republica, quizesse um conselho amigo e simples, eu lhe diria que iniciasse quanto antes as suas recepções, demonstrando assim, que o encargo e as responsabilidades não envelhecem a alma de moço e forte.

Entretanto, que S. Ex. não limite seus convites á nata rançosa da politica em fatua, porque terá, então, o desgosto de suas *soirées* transformadas nas mais estopantes e aborrecidas das reuniões. E terá de ver, com desgosto, como se come com as mãos enluvadas e como se é perito na arte de metter o dedo no nariz.

O nosso grande Barão é um homem modesto por excellencia; faz as mais extraordinarias coisas sem nenhum barulho, sem *réclame*.... Agora mesmo está quasi resolvida a nossa pendencia com o Perú, sem farofa nenhuma.....

Reflexão de um Visconde moderno:
- O Theatro Municipal é lindo e rico, não ha que vêr e seria

Revista Fon Fon (Rio de Janeiro), 24/07/1909, Ano 3, n° 30, p. 23.

Maestro Meneleu de Campos

La Gazette du Brésil publicou, em sua edição de 31 de março, uma nota destacada e a um tempo carinhosa e justa, referente ao trespasse, ocorrido há pouco — do illustre compositor brasileiro maestro Meneleu de Campos. A sua reputação artística, que era das mais invejáveis, os seus pendores que, em pleno amanhecer da vida, se revelaram, os estudos, que fez no Conservatório Real de Milão, e, em seguida a sua designação para dirigir o Conservatório de Belém do Pará, sucedendo ao glorioso compositor Carlos Gomes; os concertos realizados nas principais capitais e cidades da Europa — tudo isso vem fielmente narrado na bem feita local da *Gazette du Brésil* — não se falando em episódios outros muitos e multiplos da vida gloriosa do eminente compositor.

Meneleu Campos foi, realmente, em toda a sua carreira artística uma figura de eleição. Foi o Sr. Paes de Carvalho, ao tempo governador do Pará, que designou o grande músico para dirigir o Conservatório de Belém. Durante oito annos, com aturado carinho, consagrou sua intelligencia a essa instituição que, sob o influxo da sua forte vontade, se tornou um dos mais notaveis do ensino superior da musica no Brasil. Era, porém tal a irradiação do seu talento que em 1900 e 1903 foi chamado á Europa para dar concertos nas capitais mais adiantadas.

A esse tempo, apresentou aos maestros muitas, numerosas de suas composições, que foram acolhidas com grande carinho. Essas composições, diz-o a *Gazette du Brésil* *certainement, survivront très longtemps à leur auteur.*"

Meneleu de Campos compoz a magistral partitura *Gr Eroí*; infelizmente, porém, e mercê de falta de recursos, essa obra não foi á scena.

Na culta capital do Pará, o esclarecido compositor promoveu um movimento intenso em prol da cultura artistica musical, quer através das suas preleccões quer através das audições, com pleno apoio do governo do grande Estado.

○ Paiz (Rio de Janeiro), 02 e 03/07/1927, p. 4.

O jornal Pacotinha, de São Luís do Maranhão, a 11 de maio de 1908, noticiou que Meneleu Campos pretendia fundar um “instituto de música” particular em Belém, tendo, inclusive, realizado alguns exames com “musicistas belemenses”. Segundo Vicente Salles, seu instituto oferecia cursos de instrumentos de cordas, madeiras e metais, bem como solfejo, piano, canto, harmonia, fuga e composição (*apud* COSTA, 2011, p. 45). Esta nova tentativa de empreendimento, por parte de Meneleu, também não satisfez às suas expectativas, optando por buscar melhor sorte no Rio de Janeiro, a partir de 1909. Sua recepção pela imprensa carioca foi positiva, rendendo-lhe elogios no Jornal do Commercio:

—Dava ser cantada brevemente, em Milão, a nova opera «El-Eroi», do maestro brasileiro Meneleu Campos, com libretto de Illica.

O maestro Meneleu Campos, que fez os seus estudos no Conservatorio de Milão, compoz, alem daquela opera, quatro «Quartettos», um «Concerto» para piano com acompanhamento de orquestra; uma «Fantasia de Concerto» para violino e orquestra; diversas «Symphonias e Poemas symphonicos»; muitas peças para canto, etc.

O maestro Meneleu Campos acha-se actualmente no Rio de Janeiro, onde pretende realizar um concerto para a exhibição das suas composições.

Pacotilha (São Luís do Maranhão), 01/09/1909, p. 1.

Sua primeira apresentação no Rio de Janeiro ocorreu a 2 de agosto de 1909, no Salão da Associação Comercial, apresentando-se como “brasileiro laureado pelo Conservatório de Milão”.²¹ Conforme se noticiou na imprensa carioca, o então presidente da república, Nilo Peçanha, fez-se representar no concerto de Meneleu pelo capitão de corveta, Jose Maria Penido.²²

Meneleu Campos.

E' este o programma do concerto que depois de amanhã realiza no salão da Associação dos Empregados do Commercio, com a presença do Sr. presidente da Republica, o maestro Meneleu Campos:

1ª parte—Meneleu Campos—Quarteto para arcos (em ré maior), andante un po mozzo, intermezzo, scherzo e finale; Meneleu campos, *Novella del mare*, romanza para soprano, com acompanhamento de pequena orchestra, pela Exma. Sra. D. Hortencia Cardinali; Meneleu Campos, *Il canto della tempestà*, romanza para tenor, com acompanhamento de pequena orchestra, pelo commendador F. Cardinali.

2ª parte—Meneleu Campos—Quarteto para arcos (em mi maior), andante sostenuto, minueto, scherzo e finale; Meneleu Campos, *Cielo e mare*, romanza para soprano, com acompanhamento de pequena orchestra, pela Exma. Sra. D. Hortencia Cardinali; Meneleu Campos, *Primavera*, romanza para tenor, com acompanhamento de pequena orchestra pelo commendador F. Cardinali.

Os numeros de canto serão regidos pelo autor.

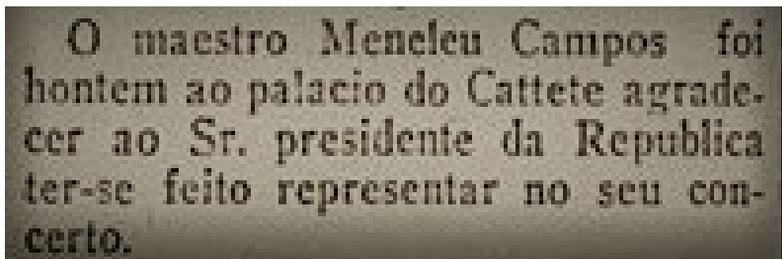
O concerto começará ás 9 horas da noite.

O Paiz (Rio de Janeiro), 31/07/1909, p. 4.

21 O Paiz (Rio de Janeiro), 21/07/1909, p. 2.

22 O Paiz (Rio de Janeiro), 03/08/1919, p. 1.

Após este concerto, Meneleu visitou o Palácio do Catete, em agradecimento ao presidente da República, conforme se noticiou a época.



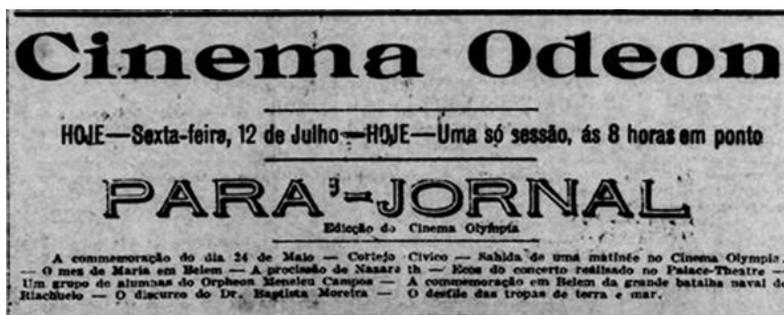
O maestro Meneleu Campos foi hontem ao palacio do Cattete agradecer ao Sr. presidente da Republica ter-se feito representar no seu concerto.

O Paiz (Rio de Janeiro), 08/08/1909, p. 2.

Quanto à sua estada no Rio de Janeiro, em julho de 1909, Cernicchiaro (1926, p. 336) dá notícia de Meneleu ter apresentado ali seus dois últimos quartetos, executados por importantes músicos da época, tais como Jeronymo Silva (1º violino, aluno de Cernicchiaro, recebeu a medalha de ouro do Conservatório Imperial, hoje EM-UFRJ, em 1888), Vincenzo Cernicchiaro (2º violino, professor do Imperial Conservatório de Música, depois Instituto Nacional de Música, dos mais importantes cronistas da música brasileira), Ernesto Ronchini (viola, também compositor, professor e posteriormente maestro da orquestra de alunos do Instituto Nacional de Música, hoje EM-UFRJ) e Rubens Tavares (violoncelo, dos maiores solistas do Rio de Janeiro em seu tempo) – um dos poucos registros sobre a possível execução dessas obras.

De volta à Belém, Meneleu tentou reorganizar o seu instituto de música, mas a cabou encerrando suas atividades em 1912, quando decidiu realizar mais uma viagem à Europa. Segundo Costa (2011, p. 46), esta viagem, que se iniciou em 1913, foi motivada em razão do tratamento de saúde de sua filha. Após uma curta passagem por Paris,

Meneleu foi a Lisboa, onde permaneceu por dois anos e, por este tempo, chegou a fundar “uma escola de composição e harmonia” (*Ibidem*). Retornou com a família ao Brasil, em 1919, quando tentou reativar o seu instituto de música em Belém e fundou o *Orpheon Meneleu Campos*. Também assumiu, nesta mesma época, o “Serviço de Canto Coral do Estado”, fundou o grupo de câmara *Septuor* e ocupou o cargo de presidente do “Centro Musical Paraense” (*Ibidem*).



Jornal do Comércio (Manaus), 11/07/1918, p. 4.

Entre 1916 e 1926, Meneleu Campos permaneceu em Belém, onde promoveu concertos sinfônicos e vocais, atuando também no ensino musical da capital. Em dezembro de 1926, decidiu viajar a Niterói, onde sofreu um infarto fulminante, vindo a falecer a 20 de março de 1927, então com 55 anos de idade (COSTA, 2011, p. 47). Foi sepultado no Cemitério Maruj, em Niterói.²³

Além dos quartetos, Meneleu Campos é autor de mais de 100 obras, ainda injustamente esquecidas em arquivos brasileiros. Há notícias de óperas, tais como *Il Salvocondutto* (1899) e *Gli eroi* (1904-1907), de outras composições sinfônicas, *Prelúdio em Ré maior* (1893),

23 O Paiz (Rio de Janeiro), 21 e 22/03/1927, p. 1.

Tango (1897), *Sinfonia em Lá maior* (1898), *Suíte brasileira* (1901), *Marcha nupcial* (1902), demais instrumentais *Adorée* (1915), *Grafira* (1888), *Pétalas esparsas* (1888), *Miniatura* (1898), *Tendrement* (1913) e *Snowflakes* (1921) e vocais, como *O Baile na flor* (1899), *Canto noturno* (1899), *Perchè* (1901), *Nella mia barca* (1901), *Romanzetta* (1903), *Hinos das normalistas* (1903), *Alla Mamma!* (1908), *Infiniment* (1913) e *Marcha infantil* (1925), entre outras obras.

Quartetos de cordas

Não obstante Meneleu Campos ter sido o Patrono da Cadeira nº 35, quando da fundação da Academia Brasileira de Música, no Rio de Janeiro, em 1945, sua obra não tem sido divulgada pelas principais instituições musicais no Brasil. Seus repertórios contemplam composições próprias, arranjos e adaptações, abrangendo obras sinfônicas, operísticas e camerísticas. Além de seu bom número de obras musicais, e das suas citadas obras didáticas, sua recepção artística talvez tenha sido prejudicada por conta de seus caminhos poético-estilísticos. Apesar de terem sido elogiados por músicos, críticos e público na época, os quartetos de Meneleu Campos, por exemplo, não lograram um pertencimento efetivo aos programas dos quartetos brasileiros enquanto ensembles musicais – acrescenta-se a isso que boa parte da música de câmara brasileira do século IX e início do século XX ficou também esquecida.

Claudio Cruz, anteriormente frente ao Quarteto Amazônia e agora frente ao Quarteto Carlos Gomes, vem procurando reconstituir a memória dos quartetos de cordas da geração romântica, de compositores como Antônio Carlos Gomes, Santana Gomes, Alexandre Levy, Glauco Velasquez e Alberto Nepomuceno, entre outros. A edição crítica de suas solfas e a gravação de CDs, todos inéditos, da integral dos quartetos de Meneleu, procuram preencher parte desta lacuna na

práxis (interpretação-execução) da história musical brasileira. Ainda são raros, portanto, os estudos sobre Menezes e a programação de sua obra nos teatros brasileiros.

Contudo, segundo Rubens Russomanno Ricciardi,

a poética (ou poiesis, a elaboração inventiva de obras de linguagem) dos quartetos de Menezes Campos apresenta um artesanato altamente refinado quanto ao tratamento do material musical. O amplo domínio harmônico-contrapontístico e o equilíbrio textural possibilitam ao compositor paraense o desenvolvimento de melodias inspiradas e demais motivos e ideias musicais sempre de rara beleza (RICCIARDI, 2021).

Por que, então, a recepção da obra de Menezes tem sido tão prejudicada? Uma hipótese de trabalho, levantada por Ricciardi em sua disciplina de pós-graduação pela EACH-USP, talvez possa ser cogitada neste contexto: o Positivismo, influente no Brasil desde o golpe militar que instaurou a Velha República, em 1889, acabou impregnando toda uma conotação excludente modernista, com o lema “abaixo as velhas taperas”, em nome da “ordem e progresso”, para que todo o passado artístico do Brasil, desde os primórdios da colonização, fosse literalmente “posto abaixo”. Como resultado deste positivismo político-cultural devastador, temos não apenas a destruição do arquivo da Real Câmara e Capela, cuja história no Rio de Janeiro remontava a João VI, e demais arquivos de música colonial, como também a demolição sistemática dos centros históricos das principais vilas e cidades brasileiras, tornando-se, por fim, referencial também à geração de 1922. Os positivistas queriam destruir tudo que lembrasse Portugal, Clero e Monarquia. E nada há de mais positivista que a seita do progresso em Oswald de Andrade. É um tipo de ódio no qual se joga o bebê junto com a água suja do banho. Junto com símbolos portugueses, clericais e monárquicos, toda arte produzida no Brasil, desde o descobrimento,

acabou por ter deteriorada sua apreciação — Anchieta, Vieira, Lereno, José Maurício, Aleijadinho e Carlos Gomes, e todos os demais artistas brasileiros, foram sumariamente menosprezados. Soma-se a isso uma leitura redutiva do *Ensaio sobre música brasileira* (1928), de Mário de Andrade, a partir do qual não se valorizou, ao longo de gerações, os repertórios musicais brasileiros que não levassem em consideração a incorporação, na música escrita, de sonoridades populares urbanas e rurais, ditas folclóricas. É o caso de Meneleu, o qual não se aproximou de cantos ou danças populares, elaborando uma poética musical contextualizada no século XIX, mas cuja abstração formal lembra mais os estilos composicionais de Camille Saint-Saëns, Charles Gounod, Jules Massenet, Glauco Velasquez, Henrique Oswald, Francisco Braga e Leopoldo Miguez, entre outros.

Não percebendo a irreverência destrutiva de Oswald de Andrade — incluindo o discurso igualmente truculento de Graça Aranha —, toda uma parte dos estudos culturais no Brasil, ao longo do século XX, confundindo estética com poética, compreendeu os manifestos *Pau Brasil* (1924) e *Antropofágico* (1928) enquanto estética e teoria da arte, e não como de fato foram, manifestos poéticos, com os quais os artistas modernistas defendiam seus estilos e visavam a propaganda e agitação polêmica. A provocação irreverente, e não raramente leviana, virou filosofia crítica. Qualquer disparate poderia chamar a atenção para que a Semana de 22 fosse promovida: tudo que fora produzido até então deveria ser jogado no lixo — a mesma lógica com a qual nosso passado colonial arquitetônico também veio abaixo. Nas gerações imediatamente seguintes, os gurus modernistas continuaram a depreciar toda arte que não envolvesse elementos populares brasileiros.

Já nas gerações dos manifestos *Música viva* (1948) e *Música nova* (1963), na área da música, os compositores atrelados aos estilos composicionais do século XIX continuaram esquecidos e mesmo rejeitados, mesmo quando já havia sido superado o debate em torno

da necessidade das sonoridades populares ou folclóricas na música escrita. Assim, por serem não apenas românticos tonais contextualizados no século XIX, como também por não trabalharem diretamente com sonoridades oriundas da música popular brasileira, compositores como Meneleu, Glauco Velasquez e Henrique Oswald, entre outros, tiveram prejudicada sua recepção posterior. Portanto, um compositor romântico tardio tonal e desprovido de temas folcloristas em sua obra, Meneleu caiu no esquecimento.

MENELEU CAMPOS

A' proposito do concerto de despedida dado pelo nosso laureado co-estadano maestro Meneleu Campos á «Família Artística» de Milão, assim se expressaram varios jornaes italianos :

Escreve *La Lombardia*.

« O quartetto em lá maior do maestro Campos, director do conservatorio de Belém, onde succede ao pranteado Gomes é um trabalho juvenil, de inspiração fresca, concebido com ousadia e, ao mesmo tempo, tecido com elegancia e simplicidade.

Todos os quatro tempos foram applaudidos, e o publico saudou tambem pessoalmente o auctor, que dá de si boas esperanças.

O quartetto em sol maior do maestro Ferroni, (professor de Meneleu), que rege a cadeira da alta composição do nosso conservatorio, confirma a fama de optimo musicista, de que goza o autor de *Kudello* e *Fieramosca*.

Esta composição, classificada em primeiro logar e premiada em um concurso belga, é um trecho de musica concertante verdadeiramente notavel pela quadratura, idéa e desenvolvimento».

Diz *La Perseveranza* :

As peças mais salientes do programma foram dois quartettos para arcos dos maestros Campos e Ferroni o primeiro discipulo do segundo.

No trabalho de Campos sente-se a clareza e dignidade melodica alliadas á pureza da forma: no de Ferroni nota-se a arte magistral do contrapontista, a largueza do desenvolvimento e a nutrida polyphonia, que captara o pleno suffragio d'aquelle numerozo publico de competentes».

Noticia *L'Osservatore Cattolico*:

«A sociedade Famiglia Artistica inaugurou hontem, com felicidade, os seus novos salões por meio de um importante concerto musical.

Do quartetto formado pelos professores srs. Segré (primeiro violino), Vsjani (segundo violino) Rossi (viola) e Galleazzi (violoncello), foi executado com correcção um quartetto em lá maior, do maestro Campos, no qual a inspiração se une a uma boa technica.

Dos 4 tempos preferimos os dois primeiros, *Allegretto* e *Alla Minuetto*.

Do maestro Ferroni executou-se um quartetto em sol maior, que foi premiado em um concurso de Bruxellas, e que se impõe, com effeito, tanto pela elegancia e elevação da concepção, como pela exquisita factura artistica».

E' um trabalho que muito honre á Ferroni».

Refere *Il Commercio*:

«A Famiglia Artistica inaugurou hontem á noite os seus vastos salões da rua S. Paulo n.º 10, com um concerto musical.

Executou-se um quartetto para arcos do joven maestro Meneleu Campos, um brasileiro, discipulo de Ferroni».

E' trabalho feito com muita alma, estimavel pela clareza do pensamento como pela naturalidade do desenvolvimento, qualidades que tambem notamos no Canto Notturmo (romanza) do mesmo auctor, cantado pela Signorina Gambini, joven dotada de uma voz bella e dulcissima, a qual executou tambem outra romanza Nevicando, felicissima composição do maestro Ferroni, o terceiro fragmento da Blondina de Gounod e Marguerita au rouet, de Schubet.

Acompanhava ao piano o professor Pozzoli, de cujo auctor cantou C'est toi que j'aime, outra romanza deliciada e bem feita».

Ao *Corriere della Sera*, pertencem as seguintes palavras:

«Hontem á noite tivemos um concerto na Famiglia Artistica e nelle ouvimos dois novos quartettos, sendo um do professor Ferroni e outro do Maestro Campos, ambos interessantes, o primeiro pela solida consrtrução e o segundo pela genialidade.

Foram cantadas tambem pela Signorina Gambini algumas romanzas de apurado gosto e da parte instrumental encarregaram-se os srs. Pozzoli, Segré, Vajani, Rosi e Galeazzi».

Anteriormente a este concerto, isto é, á 17 de novembro, dera Meneleu Campos um outro concerto tambem calorosamente applaudido, e que foi por elle offerecido em homenagem á distincta familia Turri, all residente.

O programma deste concerto, organizado unicamente de composições do nosso joven maestro, foi o seguinte:

1.ª PARTE.—*M. Campos*—Quartetto La magg—Allegretto—Alia minuetto—Scherzo—Brioso; Primavera (romanza) Tenore Sig Umberto Francesconi;—Segreto in piazza (romanza)—Tenore Sig Umberto Francesconi.

2.ª PARTE.—*M. Campos* Dormi... dormi (cantilena arabe); Ba-so Sig Giovanni Tansini—Cielo e Mare (romanza)—Tenore—Sig. Umberto Francesconi;—in jondo al bicchiere (brindisi)—Tenore Sig Umberto Francesconi; Quartetto in sol magg.—Allo non troppo — Adagio — Scherzo—Allo.»

O Para (Belém), 14/02/1900, p. 1.

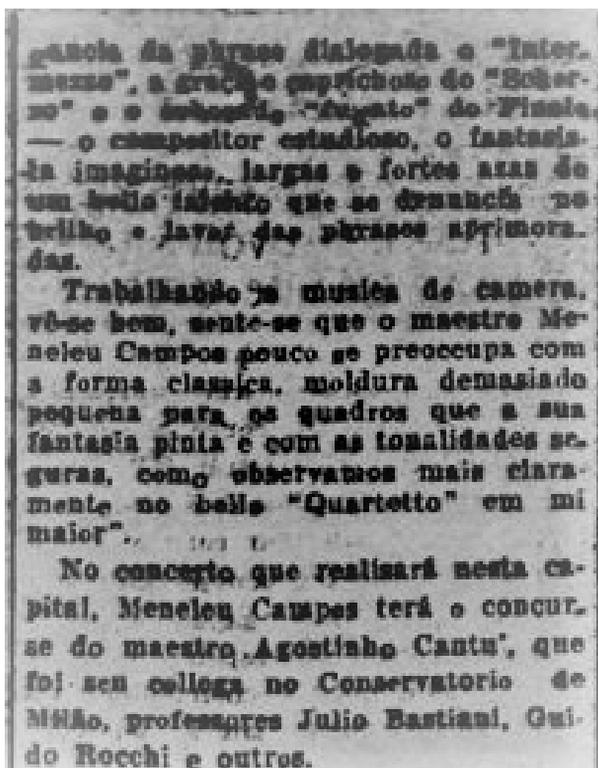
Arte & Letras

MENELEU CAMPOS

Sobre o jovem compositor paraense Meneleu Campos que, conforme já noticiámos, vai dar um concerto no salão do Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo, escreve a "Noticia", do Rio:

"Nos seus quartettos em ré e em mi maior, hontem, na Associação dos Empregados no Commercio, executados, no concerto de apresentação ao publico, tem o artista brasileiro cujo nome intitula estas linhas, sufficientes provas de uma competencia tecnica indiscutivel.

Uma simples audição desses trabalhos deixa ver — por entre os arabescos rhythmicos do "Andante" (do primeiro quartetto) e por entre a sie-



O Comercio de São Paulo, 06/12/1909, p. 2.

Sobre os quatro quartetos de cordas de Meneleu Campos, lembramos que foram compostos sempre em quatro movimentos, seguindo modelo do gênero que remonta ao século XVIII:

- *Quarteto n° 1 em Sol maior*, composto em Milão, em 1899, com os movimentos: *Allegro Molto*, *Adagio-andante*, *Scherzo-allegro* e *Finale-allegro*;
- *Quarteto n° 2 em Lá maior*, composto em Milão, em 1899, com os movimentos *Andante un po mosso*, *Adagio ala minueto*, *Scherzo-allegro mosso* e *Finale-andante mosso*;

- *Quarteto n.º 3 em Ré maior*, composto em Belém, em 1901, com os movimentos *Andante un po mosso*, *Intermezzo-largo*, *Scherzo-allegro* e *Finale-allegro spiritoso*;
- *Quarteto n.º 4 em Mi maior*, composto em Belém, entre 1901 e 1902, com os movimentos *Andante sostenuto-allegro moderato*, *Minuetto*, *Scherzo-allegro* e *Finale-allegro non troppo*.

Anteriormente às gravações do Quarteto Carlos Gomes, pelo Selo SESC, contudo, os quartetos de Meneleu Campos ainda não haviam sido gravados. Não obstante, desde pelo menos Cernicchiaro (1926, p. 336), lemos críticas favoráveis ao talento de Meneleu, por sua “competência singular”. Seus quartetos primeiro e segundo, compostos na Itália, contemplam ainda um “excelente desenvolvimento de ideias, de ritmos e de concepções bem sucedidas”, segundo Cernicchiaro (*ibidem*) – lembrando este violinista italiano, radicado no Rio de Janeiro, destacado estudioso da música brasileira em seu tempo, não apenas conheceu Meneleu pessoalmente, como foi ainda intérprete-excutor de sua obra. Portanto, falava com conhecimento de causa.

Os quartetos em Sol maior e Lá maior têm estruturas clássicas. Em alguns momentos lembram os quartetos de Haydn. Nos movimentos lentos, porém, percebemos antes uma influência romântica e operística, numa atmosfera elegante da *Belle Époque*. Já os quartetos em Ré maior e Mi maior se encontram contextualizados no Romantismo, trabalham as frases melódicas mais longas. O *Quarteto em Mi maior* utiliza técnicas composicionais que remontam a Richard Wagner, por conta da densidade harmônica, envolta em cromatismos. Neste sentido, podemos falar de uma analogia com seu colega e amigo carioca, Francisco Braga, pois ambos foram admiradores de Wagner. Mesmo os estudantes

de Paris ou Milão não escapavam à influência do grande compositor de óperas na Alemanha, naquela segunda metade do século XIX.

Dois quartetos foram apresentados na Itália, quando Meneleu ainda estudava no Conservatório Real de Milão. Posteriormente, os quatro quartetos foram executados em concertos na França, em São Paulo e no Rio de Janeiro, surpreendendo sempre por sua beleza e inspiração. O objetivo deste presente estudo, por certo, abrange também uma melhor inserção não apenas de Meneleu, mas dos demais compositores seus contemporâneos, tais como Antônio Carlos Gomes, Alexandre Levy, Leopoldo Miguez, Alberto Nepomuceno, Francisco Braga e Glauco Velasquez, entre outros, enquanto matéria obrigatória de música de câmara em meio às instituições de ensino do Brasil, e mesmo de outros países.

Os quartetos da Escola de Haydn (do assim chamado *estilo clássico*, do qual fazem parte também Mozart e Beethoven) são imprescindíveis para o desenvolvimento dos alunos e estudantes, nas escolas de música e nas universidades, por conta de toda uma questão estilística que contemplam em sua *performance*. Destacamos, contudo, o cuidado de Meneleu ao elaborar seus quartetos, sua abordagem técnico-estilística, trabalhando magistralmente as quatro vozes instrumentais, bem como os uníssonos nas frases longas, intercalados com fugas, onde se exige dos intérpretes-executantes um bom conhecimento estrutural, para que saibam, de modo consciente, salientar as singularidades expressivas da linguagem. Por certo, os quartetos de Meneleu podem auxiliar didaticamente no desenvolvimento técnico-artístico dos alunos e estudantes que atuam em quartetos e demais música de câmara em nossas instituições acadêmicas. A exemplo de quartetos deste período, como os quartetos de Verdi, Gounod, e mesmo a *Sonata para Cordas* de Carlos Gomes, Meneleu nos envolve com temas operísticos, onde a singeleza e a dramaticidade se intercalam, viabilizando atmosferas sonoras instigantes.

Edição crítica das partituras, gravação integral dos quartetos

Recebemos, do Museu da UFPA, o conjunto de fontes na forma de solfas: tanto os manuscritos das partituras como das partes individuais. Realizamos uma edição crítica, corrigindo disparidades entre os manuscritos das grades e das partes — dadas suas péssimas condições. Alguns quartetos contemplam versões diversas. Pareceu-nos que o compositor talvez tivesse dúvidas quanto à melhor alternativa. Este foi o primeiro desafio, analisar as diversas versões, concluir a edição completa dos movimentos, ensaiar, estudar as diversas questões da *praxis* em meio à poética de Menezleu e decidir, por fim, qual a melhor opção para esta que acabou sendo a primeira gravação destas obras. A edição do *Quarteto em Lá maior* talvez tenha sido a mais difícil, neste sentido.

No *Quarteto em Ré maior* tínhamos duas versões completas do quarto movimento. A escolha se deu pelo estudo da *poiesis* (elaboração composicional) de Menezleu, buscando similaridades na escritura musical com outros movimentos. Para se ter uma ideia, a versão que não foi escolhida era composta por escalas e arpejos paralelos, nem sempre apresentando um discurso pautado pela inspiração e cantilenas como nos outros movimentos. A versão que escolhemos foi talvez a primeira a ser composta, provavelmente junto com os demais movimentos, parecendo-nos mais adequada. Julgamos ainda seu discurso musical mais interessante, mais bem desenvolvido, trabalhando intensamente as quatro vozes do quarteto.

O trabalho crítico-editorial com estas partituras de Menezleu nos levou a decidir entre as possíveis alternativas, por conta dos conflitos entre as fontes, até mesmo com diferenças de notas, sem esquecer a ausência de articulações e dinâmicas. Refizemos e adequamos as articulações e dinâmicas, observando as questões poéticas e estilísticas de cada

quarteto e movimento, a exemplo da escritura dos quartetos de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert e Mendelssohn, entre outros. Nas partituras de alguns quartetos havia tão somente notas escritas no pentagrama, isto é, sem demais notações, tais como articulação, dinâmica, fraseado e ligaduras. Em outros locais, só alguns compassos com ligaduras de fraseado. No que se refere às dinâmicas, observamos algumas propostas escritas a lápis nas partes, com indicações em italiano, as quais nos fizeram supor sua execução na Itália ou por músicos italianos. A adequação de dinâmicas foi estabelecida nos quatro quartetos gravados, lembrando que mesmo os grandes compositores nem sempre trabalham com tal nível de detalhamento. Neste caso, como estamos reconstruindo a memória de um compositor brasileiro, cujas obras julgamos importantes para o repertório camerístico, deliberamos por uma edição a mais completa possível, inclusive com sugestões de arcadas.

A integral dos quartetos de cordas de Meneleu Campos, cuja gravação pelo Quarteto Carlos Gomes se deu no Estúdio Monteverdi, em São Paulo, foi lançada a 17 de setembro de 2021, num projeto do Selo SESC — já disponível nas plataformas digitais.

Considerações finais

Meneleu Campos foi um dos principais compositores do Romantismo musical brasileiro — não merece permanecer esquecido. Seus quartetos não foram mais apresentados desde a década de 1920, daí a importância agora de sua inclusão no repertório camerístico, para que sejam programados, esperamos, por conta da gravação pelo Quarteto Carlos Gomes e da edição crítica de suas partituras e partes, trabalho capitaneado por Cláudio Cruz.

Referências

Acervo do Museu da Universidade Federal do Pará.

Acervo da Biblioteca Nacional.

BARBOSA, Mário Alexandre Dantas. *Meneleu Campos e a Educação Musical: as publicações de caráter didático*. Salvador: XVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação (ANPPOM) 2008, p. 275-279. Disponível em https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2008/comunicas/COM450%20-%20Barbosa.pdf.

BARBOSA, Mário Alexandre Dantas. *O Tango Brasileiro (1897-1915), de Meneleu Campos: redirecionamento estético e flexibilidade frente aos desafios profissionais*. Rio de Janeiro: Anais da IV SIMPOM, nº 4, 2016, p. 502-512. Disponível em <http://www.seer.unirio.br/simpom/article/view/5698/5133>.

BOSIO, Ettore. *Traços artísticos e biographicos — apreciações sobre suas obras musicais*. Belém do Pará: Gillet, 1922. <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/file/livros/tracosartisticosebiographicosdomaestroettorebosio1922/>

Catalogo dei libretti di LUIGI ILLICA Castell'Arquato (Piacenza), 9 maggio 1857 — Colombarone (Piacenza), 16 dicembre 1919. In: Opera liber — biblioteca digitale del libretto d'opera. <https://web.archive.org/web/20140714110922/http://193.204.255.27/operaliber/index.php?page=%2FoperaLiber%2FIllica>

CERNICCHIARO, Vincenzo. *Storia della musica nel Brasile — dai tempi coloniali sino ai nostri giorni (1549-1925)*. Milano: Fratelli Riccioni, 1926.

COSTA, Dayse Dias Silva e. *Duração e Memória: Bergoismo e o Piano no Concerto em Lá Maior para piano com acompanhamento de orquestra de Octávio Meneleu Campos*. Dissertação de mestrado. João

Pessoa: Centro de Ciências, Letras Humanas e Artes da Universidade Federal da Paraíba, 2011.

PARACAMPO, Amanda Brito. *As trilhas amazônicas de Ettore Bosio*. Dissertação de mestrado. Belém: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2018. <https://pphist.prope.sp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/AS%20TRILHAS%20AMAZ%C3%94NICAS%20DE%20ETTORE%20BOSIO-Amanda%20B%20Paracampo.pdf>

PASCOA, Márcio Leonel Farias Reis; SILVA, Rossini Rocha da. *Patrimônio musical do Norte do Brasil – um estudo preliminar da ópera Gli eroi de Meneleu Campos (1872-1927)*. In: Revista ARETEÉ – Revista Amazônica de Ensino de Ciências, Volume 2, nº 2. Manaus: Universidade do Estado do Amazonas, 2008. <https://www.yumpu.com/pt/document/read/26883991/um-estudo-preliminar-da-opera-gli-eroi-de-meneleu-campos>

RICCIARDI, Rubens Russomanno. *A íntegra dos quartetos de cordas de Meneleu Campos – o reencontro com um grande compositor romântico belenense*. CD: *Meneleu Campos – Quarteto Carlos Gomes*. São Paulo: Selo SESC, 2001. Disponível em https://www.sescsp.org.br/online/selo-sesc/1050_MENELEU+CAMPOS#/tagcloud=lista

Sobre os autores

Claudio Cruz

Iniciou-se na música com seu pai, posteriormente recebeu orientações de Erich Lenninger, Maria Vischnia (violino) e George Olivier Toni (Teoria e Regência). Foi premiado pela Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA), Prêmio Carlos Gomes, Prêmio Bravo, Grammy Awards entre outros. Participou de diversos Festivais de Música, Festival Internacional de Campos de Jordão, Festival de Verão da Carinthia (Áustria) e Festival Internacional de Música de Cartagena, Festival Internacional La Música (Sarasota- EUA) entre outros. De 1990 a 2014 ocupou o cargo de Spalla da Osesp. Foi Regente Titular das Sinfônicas de Ribeirão Preto, Campinas e da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, atualmente é Primeiro violino do Quarteto Carlos Gomes, Regente e Diretor Musical da Orquestra Jovem do

Estado de SP. Em sua discografia destacam-se os Concertos de Bruch, Tchaikovsky, Ronaldo Miranda e Fantasia de Almeida Prado gravados com a Osesp, Duo de Kodaly gravado com Antônio Meneses (Selo Avie), CD com obras brasileiras gravado na Itália (Selo Dynamic), CDs de compositores brasileiros gravados pelo Quarteto Carlos Gomes entre outros.

Em 2021 lançou os trios de Villa-Lobos com Antônio Meneses e Ricardo Castro, álbuns com os pianistas Marcelo Bratke e Olga Kopylova e os Quartetos de Menezes Campos com o Quarteto Carlos Gomes selo Sesc.

Odair Aparecido de Paula

Graduou-se em História pela Universidade de Mogi das Cruzes em 1998 e Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica - SP, em 2011. Atuou como pesquisador na área esportiva pelo Clube Esperia entre 1998 e 2014. Integrou a equipe de pesquisadores no projeto Resgate “Barão do Rio Branco” – Brasil 500 anos – seção Espanha, em 2000. Foi técnico de pesquisa no projeto “Mapeamento e Resgate de Aspectos da Cultura Tradicional de Comunidades Afrodescendentes de Mogi das Cruzes”, Casa do Congado - Iphan - Crespial - UNESCO (2014-2015). Integra o projeto “Águas da Mantiqueira”, sob os auspícios da Fundação Toyota Brasil e FUNDEPAG, desde 2016, e da Casa do Congado, desde 2014, entidade responsável por pesquisas relacionadas aos grupos tradicionais afro descendentes de Mogi das Cruzes (SP). Atualmente é professor e gestor da rede pública de ensino do Estado de São Paulo.

Recebido em 11/10/2021

Aprovado em 01/11/2021